ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO NO QUILOMBO DO PORTÃO DO GELO FAZ-SE SOB A PROTEÇÃO DOS ORIXÁS

Flávio Valdez Martins da Silva [1]
Auxiliadora Maria Martins da Silva [2]

[1] Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, valdez.flavio@gmail.com-

[2] Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, auxiliadora.martins@ufpe.br

ISSN: 2358-8829

Introdução

Os terreiros de candomblé são uma realidade concreta em nosso meio. Fazem-se presentes, de formas diversas, desde as épocas remotas da nossa história. São plataformas sociais baseadas em experiências africanas trazidas pelos povos, na diáspora, dos territórios daquele continente e introduzidas pelas interpenetrações dos processos sociais ao longo dos tempos, numa perspectiva socioantropológica. Considerando-se que esses espaços são configurações sociais que estão, de forma dinâmica e permanente, construindo e reconstruindo caminhos, estruturas e relacionamento, suas sensibilidades, subjetividades e suas tradições permanecem numa memória que resistiu e resiste ao processo civilizador hegemônico europeu que, ainda, perdura em nossa sociedade. Destacamos a religião por considerarmos que, como um fator extremamente importante para a vida dessas pessoas, foi e é, um lugar onde encontramos elementos que caracterizam, fortemente, as relações sociais, políticas e econômicas, por meio das suas práticas, não somente os rituais religiosos, mais também os conflitos e embates de caráter político, nos campos coletivo e pessoal, no enfrentamento contra a discriminação racial, a exclusão social, a perseguição religiosa, que são fatores que interferem nas condições de vida e no desenvolvimento humano dessas pessoas. Os terreiros, portanto, são espaços que guardam significativos elementos das sociedades africanas, e se estabelecem nos processos sociais, contribuindo para a formação das culturas no Brasil imprimindo um campo próprio dentro das configurações atuais. Acreditamos que essas configurações são resultado dos processos sociais ao mesmo tempo em que são forças, também, determinantes nesse processo. sua significância tem inegável penetração social, principalmente nas camadas mais populares de nosso povo, o mesmo não corresponde quando nos referimos aos espaços formais e institucionais ocupados nos campos da política, economia e da educação.

È nesse lugar, inserido no contexto dos espaços religiosos onde reservam guarda importante dos traços culturais africanos e já afrobrasileiros, que buscamos investigar a luz da trajetória da história do terreiro de Xambá e simultaneamente no processo de construção desse espaço que vem se estabelecendo através da superação das forças contrárias à sua permanência, reveladas no cotidiano, especificamente, na comunidade religiosa do quilombo do portão do gelo, terreiro de Xambá, o processo de educação presente através de uma pedagogia do Candomblé. Interessa-nos, nesse contexto, buscar respostas, no campo da investigação científica, acerca dos elementos que evidenciem os espaços de terreiros como local de produção de conhecimentos, vivências e saberes constituindo-se como universo educativo, integrado a outras configurações sociais e mediados pelos ritos, mitos e crenças do candomblé.

ISSN: 2358-8829

Os objetivos da pesquisa são, então, investigar os elementos que evidenciam, nos espaços de terreiro, a existência de processos educativos, cuja essência está fortemente ligada aos valores orientados pela religião do Candomblé e suas implicações no cotidiano do povo de terreiro (Povo de Santo) interferindo nos comportamentos e no processo de desenvolvimento humano, no espaço do Terreiro de Xambá – Ilê Axé Oya Meguê. Nesse sentido, algumas questões podem ser condutoras e desafiadoras para a referida pesquisa tais como: Identificar a dinâmica histórica do terreiro na perspectiva da educação; Analisar os elementos religiosos e sua relação com o cotidiano dos filhos de Santo, numa perspectiva educacional; identificar elementos da educação presentes na vida do terreiro que interferem na formação dos filhos de santo e no seu desenvolvimento humano.

Definições metodológicas

Esse trabalho de pesquisa está voltado para a realidade das comunidades de matriz africana numa perspectiva da Educação não formal dentro dos contextos sociais, econômicos e religiosos em que se encontram , sendo fundamental perceber a presença de uma prática de educação não formal no cotidiano dos povos-de-santo que convivem nesses espaços, em suas vivências socioprodutivas, suas práticas religiosas e suas redes de trocas e sociabilidades, buscando compreender a forma de organização e gestão da sua permanente busca de preservação da sua memória e da sua história, através de sua prática pedagógica no cotidiano.

O caráter dessa pesquisa é exploratório e para sua execução contamos com uma relação de convivência e amizade com essa comunidade religiosa, onde frequentamos e participamos dos momentos festivos, das manifestações culturais e de encontros e seminários promovidos pelo povo de santo, caracterizando um processo de pesquisa-participante, já que nosso relacionamento não se esgota num objeto de pesquisa, mas numa relação construída e em construção. Ademais, não tivemos o propósito de adotar, em nenhum momento o caráter de distanciamento da situação objeto da pesquisa para tratar, de forma isolada, cientificamente um fenômeno de caráter social em que julgamos ser necessário o envolvimento não só de elementos objetivos, mas também de caráter subjetivo.

Foram desenvolvidas entrevistas semiestruturadas com diversos membros do Xambá, estudiosos e pesquisadores do terreiro, bem como investigados documentos históricos, registros e pesquisas existentes, documentários científicos e jornalísticos, arquivos existentes no Memorial Severina Paraíso da Silva (museu fundado pelo próprio terreiro em homenagem

ISSN: 2358-8829

a fundadora do Ylê Axé Manguê -Mãe Biu) , além da observação do cotidiano do Quilombo do Portão do Gelo Nação Xambá buscando compreender suas dinâmicas, seus rituais e suas relações sociais política, educativas e produtivas no período que se inicia com a liderança da Mãe Biu até a fase de sua sucessão, por ocasião do seu falecimento em 1993, quando assume o seu filho Ivo de Xambá (líder atual), que conduz a casa procurando preservar e manter as tradições ancestrais.

Referencial Teórico

Essa realidade tem sido explicada por diversas visões teóricas e nessa trajetória, encontramos posicionamentos científicos arraigados a pensamentos estruturados por uma lógica paradigmática das estruturas hegemônicas onde a figura do terreiro não é imaginada como um espaço educativo, ou em pensamentos engajados socialmente e politicamente com as transformações sociais, mesmo considerando a participação das culturas dos povos africanos, no Brasil, e com pesquisadores que enfatizam a importância das culturas e religiões africanas como elemento relevante para a formação social brasileira, tais como Lody (1987) enfocando os rituais e as práticas do candomblé buscando estabelecer essas práticas às origens étnicas dos povos africanos trazidos para o Brasil; Berkenbrock (1997) faz uma análise teológica a partir do estudo comparativo das religiões relacionados ao sincretismo religioso; Cunha Jr (2005) estabelece uma relação fundamental das bases socioantropológicas necessárias para a inclusão do pensamento africano como base da educação; Bastide (1960) desenvolve profundo estudo antropológico sobre as culturas africana e os povos que chegaram no Brasil e suas teias socioprodutivas bem como suas relações inclusivas na formação social brasileira, considerando a necessidade de uma análise com alteridade; Sodré (2002) desenvolve um enfoque sobre os povos negros no Brasil e sua presença territorial, numa perspectiva espacial e simbólica no campo social e religioso. Dentre tantos outros pensadores que buscam uma interpretação e uma explicação científica a partir do lócus original dos partícipes dos terreiros, onde as pessoas nascem e crescem compartilhando e interagindo com as diversas configurações sociais. Como principais suportes de investigação bibliográficas dos principais personagens e sobre a trajetória do terreiro de Xambá, buscamos como as principais referências em Alves (2007; Alves (2018); Costa (2009); Menezes (2005). Estas pesquisadoras desenvolveram pesquisas sobre o

ISSN: 2358-8829

terreiro de Xambá num contexto histórico, religioso e cultural, resgatando a história e o protagonismo das lideranças femininas que fundaram e resistiram ao processo de perseguição político policial dos anos 1930 a 1945 realizadas sob o regime do Estado Novo brasileiro e sob os olhares do Sistema de Higiene Mental, que protagonizou no sistema de saúde mental do Estado (abordagem psiquiátrica) as práticas das religiões de matriz africana (baixo espiritismo) como doença mental. Nesses textos encontramos fundamentação teórica necessária e indispensável como suporte para a compreensão que o processo de educação do terreiro estabelece-se a partir da história de resistência e através da sustentação religiosa por meio dos itãs do candomblé, numa relação socialmente ativa e em sentimentos simbólicos como base de sociabilidade entre os membros do território Xambá.

O Candomblé

È fundamental compreendermos os espaços de candomblé além das aparências e da superfície relacionadas, apenas, aos aspectos religiosos, que muitas vezes são interpretados num campo do objeto exótico e "folclórico". O candomblé é uma religião que se origina a partir das crenças e das culturas africanas no Brasil e surge como um processo de resistência numa composição de múltiplas configurações representativas de diversas regiões africanas, que se conjugam num esforço de reconstrução dos sentidos e das sensibilidades trazidas pelos povos africanos, revelando-se como comunidades litúrgicas delimitadoras de territórios próprios e de fortalecimento da resistência cultural, assim como afirma Sodré (2002): As comunidades litúrgicas conhecidas no Brasil como *terreiros* de culto constituem exemplo notável de suporte territorial para a continuidade da cultura do antigo escravo em face dos estratagemas do senhor. Ainda compreendemos que esse território se firma como lugar de forte representatividade política e de formação, principalmente dos povos afrodescendentes, onde reencontram seus sentidos ancestrais. Portanto, o patrimônio simbólico do negro brasileiro, sua memória cultural africana afirma-se, aqui, como terreiro político-mítico-religioso, para a sua transformação e preservação segundo Sodré (2002). Também buscamos uma compreensão teórica sobre Candomblé que a partir de, posiciona o terreiro como lócus da cosmovisão africana:

> Quando nos referimos a "terreiro" estamos falando das comunidades de religião de matriz africana, estruturadas em torno do culto aos Orixás que são divindades originárias nos cultos africanos que foram trazidos para o Brasil, de diversas regiões africanas, e que comandam as festas e celebrações dos terreiros por meio de rituais próprios a cada um. È importante destacar que esse patrimônio imaterial, transposto pelos africanos, não se limita apenas ao culto dos Orixás, mas a um conjunto de elementos fortemente ligados à sua cosmovisão. AMARAL (2002, pág.25)

ISSN: 2358-8829

Nessas comunidades, formam-se configurações representativas que obedecem a uma ordem hierárquica que parte dos não iniciados ,pessoas que ainda não foram iniciados na sociedade religiosa através de ritual religioso específico, dos filhos de santos pessoas que foram iniciados na sociedade através de ritual religioso ligado ao seu Orixá , à mãe de santo (Yarolixá) ou pai de santo (Babarolixá) que são os líderes maiores e detentores de conhecimentos e dos ministérios sagrados em cada comunidade. Dentro da grade hierárquica encontraremos diversos personagens com funções definidas e ligadas a processos tais como: ajuda nos rituais de forma geral, cuida das casas dos orixás, cuida dos filhos de santos que estão recolhidos e em formação, executa os toques dos Orixás, dentre outras atribuições. As práticas desses povos, por sua vez, estão fortemente relacionadas á sua ancestralidade e, portanto, retratam as suas relações de educação, religiosas, sociais e políticas que se inseriram num contexto histórico onde a situação de vidas dessas pessoas estava reduzida à condição de escravo. Berkenbrock (1999, pág. 62) afirma que do ponto de vista histórico, a África é o campo de origem e o Brasil, o campo de desenvolvimento das religiões afro-brasileiras. Apesar das condições adversas à vontade e ao desejo das pessoas escravizadas, não se poderia transformá-las em não sujeitos, pois junto com eles foram trazidas os seus fundamentos humanos, refletidos em seus conhecimentos, suas tecnologias, suas tradições, seus valores, suas danças e suas crenças determinando, assim, seus estilos de vida, que podemos compreender como o resultado de um processo de educação. Esse estilo de vida é entendido por Amaral (2000, p. 21) como: “ a forma pela qual uma pessoa ou grupo de pessoas vivenciam o mundo e, em consequência, comporta-se e faz escolhas”. Nesse sentido os elementos socioculturais presentes fisicamente e subjetivamente, não se esgotaram no processo de escravização, mesmo considerando-se os contatos e as relações com outras culturas e a condição de escravos. Apesar das pessoas escravizadas terem sido trazidos da África, devemos compreender que o território africano é vasto e diverso e, portanto, as pessoas eram oriundas de várias regiões tais como: Angola, Moçambique, Benin, Guiné Bissau, Cabo Verde, Camarões, dentre outras regiões e, portanto, compunham uma diversidade étnica e religiosa com um alto grau de identidade em seus processos civilizatórios. Apesar de estarem numa mesma condição de domínio guardavam consigo suas tradições e suas culturas. Dessa forma, sob domínio de um regime extremamente perverso e rigoroso, restavam-lhe os tempos dos cultos e das celebrações como forma de manter suas identidades, buscando agrupamentos que convergiam, principalmente, por soluções étnicas que permitisse sua resistência e permanência como sujeito africano. Nesse sentido, encontramos nas religiões afro-brasileiras, com destaque para o Candomblé, que tem como um dos principais legados a função de

ISSN: 2358-8829

manutenção dessas culturas traduzidas num processo de aglutinação no território brasileiro, o lugar que assume, além do simbólico, a guarda da ancestralidade africana no Brasil:

> O candomblé assume, então, a função de mantenedora de uma memória reveladora de matrizes africanas ou já elaboradas como afro-brasileiras, criadoras de modelos adaptativos ou mesmo embranquecidas – nos casos em que a religiosidade brasileira oficial participa definitivamente desse sistema. (LODY 1987, Pág, 10)

O terreiro de Xambá

O Terreiro do portão do Gelo Nação Xambá – Ilê Axé Oya Meguê, destaca-se dentre as Casas de candomblé em Pernambuco por ser guardiã de uma história de elevada significação para os terreiros em geral, e hoje como 1º Quilombo Urbano de Pernambuco reconhecido pela Fundação Cultural Palmares em 2006. Sobre a tradição Xambá. em sua pesquisa sobre os elementos e manifestações artístico-culturais do Xambá constata-se que:

> A tradição Xambá é uma herança do povo africano, que deixou no Brasil um imenso legado cultural. Os africanos tem uma grande participação no contexto cultural brasileiro com contribuições na língua, no andar, na música, na dança, na gastronomia, na religião, na medicina, no vestuário, na poesia, na urbanização. (ALVES 2007, pág. 18)

Sua história se inicia por caminhos de dificuldades frente aos poderes públicos e se estabelece pela capacidade de resistência revestida numa configuração de negociação de espaços políticos e sociais e pela persistência de seus ancestrais. Essa história vincula-se à busca de sentidos em território africano que ao movimento repressivo em Alagoas conhecido como o Quebra de Xangô de 1912. Desde esse início até os dias de hoje foram e ainda estão sendo construídas relações de sociabilidades que determinam e são determinadas por valores oriundos das práticas dos primeiros líderes da Xambá que estão entrelaçados com a construção física e imaterial do Terreiro e que se reflete na cultura Xambá, nas relações de solidariedade e no desenvolvimento da comunidade local.

Segundo a cartilha da Nação Xambá (Ilê Axé Oya Meguê), o terreiro de Xambá é remanescente da década de 1920 e teve sua origem a partir do Babalorixá Arthur Rozendo Pereira que veio para o Recife fugido da repressão policial às casas de culto Afro-descendentes em Alagoas. O Babalorixá deixa Maceió e passa a morar em Recife, mais precisamente no bairro de Água Fria. Logo reinicia seus rituais de tradição Xambá. A Sra. Maria das Dores da Silva (Maria Oyá) faz iniciação com Arthur Rozendo como Babalorixá e Iracema como Yalorixá e inicia suas atividades no bairro de Campo Grande em 07 de junho de 1930, data considerada como fundação do Terreiro de Xambá. A sucessora de Maria Oyá foi a Sra.

ISSN: 2358-8829

Severina Paraíso da Silva. Em 1938 o Terreiro é fechado pela violenta repressão política e policial e manteve-se funcionando com as portas fechadas. Em 1939 falece Maria Oyá e o Terreiro fica fechado por aproximadamente dez anos, quando Mãe Biu, filha de Ogum e Oyá, reabre em 16 de junho de 1950 e em 1951 muda-se para o Portão do gelo, hoje rua Severina Paraíso da Silva, nº 65, São Benedito, Olinda. Hoje o terreiro é liderado pelo Babalorixá Ivo de Xambá, filho da Yalorixá Mãe Biu.

O Quilombo

A caracterização do Terreiro de Xambá como Quilombo Urbano (Terreiro Santa Bárbara, Ilê Axé Oyá Meguê), mais conhecido como Terreiro Portão do Gelo ou Quilombo urbano do Portão do Gelo, o terceiro do Brasil reconhecido desde 2006 pela Fundação Palmares o primeiro com tombamento municipal, decretado em 2007 pela Prefeitura de Olinda, localizado no bairro de São Benedito, Olinda, Pernambuco. Desde 1930 por força da crença e como estratégias associativas de convivência e sociabilidade, ocorrendo ao longo de sua trajetória o deslocamento de famílias para o entorno do terreiro, como constata Costa (2006). Com relação a compreensão conceitual de quilombo, entendemos como espaços amplos e complexos que agrupam remanescentes africanos, afrodescendentes, índios e pardos, com forte resgate da cosmovisão africana, laços familiares, organização social e política e seus elementos culturais. Os quilombos têm traços marcantes e modelos inspirados na cosmovisão e na própria história dos estados africanos e surgiam com protesto a situação vivenciada a que estavam sunmetidos.

> O quilombo era uma sociedade alternativa ou paralela de trabalho livre no conjunto do escravismo colonial que constituía a sociedade maior e institucionalizada. Seu agente social era o negro-escravo inconformado que traduzia esse sentimento no ato da fuga. Este era o primeiro estágio da consciência rebelde, obstinada e que já expressava e refletia um protesto contra a situação em que estava submerso. (MOURA 2001, Pag. 103)

Num aspecto relacionado a contemporaneidade identificamos a amplitude conceitual de Quilombo e sua complexidade redefinindo-se como espaço social, sem perder, no entanto, suas características de resistência e resgate da cosmovisão africana. Encontramos em recentes estudos do IPEA/ SEPPIR (2012) apontando as relações encontradas nos quilombos como territórios habitados por grupos com identidades étnico-racial distinta que desenvolvem estratégias de resistência com vistas à manutenção e à recriação de um modo de vida comum entre seus membros em determinado espaço geográfico. Seus processos organizativos caracterizam-se por trajetórias de luta e sublevação ao modelo socioeconômico baseado na escravidão. Tais grupos constroem-se tendo como referência central o território – espaço coletivo e indivisível – ocupado por meio de regras consensuais aos diversos grupos familiares

ISSN: 2358-8829

que compõem as comunidades, cujas relações são orientadas pela solidariedade e pela ajuda mútua. A territorialidade configura, assim, uma plataforma de intersecção de diversos planos da vida de comunidades afro rurais. Os quilombos entendidos como espaços de fugas dos escravos para campos distantes de suas senzalas, onde uniram diversas etnias negras e indígenas na busca da reconstrução de seus espaços sociais e políticos, impondo-se pela luta e resistência ao estado escravocrata e a busca por um estado autônomo se refaz na diversidade contemporânea inserido nos novos desafios e enfrentamentos da sociedade moderna, estabelecendo-se em contornos que se ampliam na complexidade da sociedade atual e se amplia no reconhecimento de sua existência nos espaços urbanos, característica do quilombo do portão do Gelo – Terreiro de Xambá, em sua trajetória diaspórica e identifica com a história de resistência ao quebra de Xangô ocorrido em Alagoas, extensão do sentimento do sistema escravista, já no regime republicano, numa versão fora do contexto do Estado escravocrata, porém executada através da repressão violenta aos espaços de culto de matriz africana, provocando a diáspora da diáspora, resultando na origem do quilombo Xambá em Olinda. Encontramos, ainda, uma conceituação adequada para a compreensão da teórica sobre espaço afrodescendente:

> O conceito de Território de Maioria Afrodescendente, foi elaborado para definir a natureza da população das áreas de população afrodescendente. São espaços urbanos que encontramos outros grupos sociais de origens históricas e culturas diversas, mas encontra-se a população afrodescendente como maioria, sendo esta a que determina a dinâmica cultural e social desses territórios. (CUMHA JR. 2005, pág. 71)

Educação

Paulo Freire (1981) nos convida a refletir sobre a educação como prática de liberdade e nos mostra a complexidade do desenvolvimento de uma consciência crítica, do sujeito, sobre sua existência e sobre seu meio. È na busca do conhecimento de si mesmo que se inicia o processo de liberdade e é na construção de sua identidade que o sujeito se fortalece e se descobre humano. A trajetória civilizatória brasileira que sempre, nas instâncias do poder, buscou a negação do sujeito afrodescendente e de seus espaços próprios, nos aponta para uma direção no campo da educação que torna possível um desenvolver libertário que permita cada sujeito ter autonomia e individualidade. Atualmente, ainda, encontramos pessoas que frequentam os terreiros que se escondem da sociedade, ocultando-se da própria natureza humana, como alguém que não pode experimentar-se a si mesmo na sua individualidade. Porém constatamos, também, a existência de pessoas que se afirmam diante do mundo com suas qualidades e suas naturezas, rompendo as forças que lhes oprimem. Acreditamos, assim como Freire (1981), que

ISSN: 2358-8829

a busca de liberdade é inerente ao ser humano, A desumanização não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, naqueles nos que a roubam. Realizando um processo de refluxo da desumanização. O conceito de educação deve ser percebido como um processo amplo e diverso que está relacionado a cada cultura, a cada povo, a cada jeito de ser de uma comunidade. Assim:

> Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.Em mundos diversos a educação existe diferente: em pequenas sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou pastores nômades; em sociedades camponesas, em países desenvolvidos e industrializados; em mundos sociais sem classes, de classes, com este ou aquele tipo de conflito entre as suas classes; em tipos de sociedades e culturas sem Estado, com um Estado em formação ou com ele consolidado entre e sobre as pessoas. (BRANDÃO 2007, pág. 32)

È a partir desse olhar, que entendemos que a produção de conhecimentos e os saberes presentes, nesse espaço, fazem parte do patrimônio do terreiro, não apenas no que diz respeito às heranças históricas e aos saberes ancestrais, mas a construção de novos saberes e novos conhecimentos de forma dinâmica e permanente caracterizando-se um processo de educação. Portanto, a educação não formal, não se prende a formalidades normativas institucionais, mas não se contrapõe metodologicamente a uma negação da educação formal. Realiza-se no campo dos espaços da vida, da comunidade, dos espaços de convivência, mas a partir de um processo de caráter intencional, construído sob uma lógica educativa pensada e projetada, sem as limitações paradigmáticas da escola formal. No entanto, caracteriza-se pela intencionalidade de seu processo, buscando desenvolver uma trajetória educativa normalmente conduzida a partir de um planejamento coletivo orientado para os interesses e necessidades do grupo a que se destina.

Considerações finais

Sobre essas proposições nos deparamos com diversos elementos que podemos identificar com a realidade dos terreiros, enquanto territórios que detém sociabilidades específicas referenciadas pela ancestralidade africana. Nos rituais do candomblé existe uma cadeia complexa de atividades que extrapola os momentos de festas e tornam-se parte das relações sociais das comunidades de terreiro, determinando formas de relacionamentos, produção, linguagem, reverências, serviços, enfim não se restringindo a simples divisões de funções mais a manutenção e construções de estruturas sociais e convivências históricas, em que podemos identificar, também, como elemento de um processo de educação incorporado ao próprio ritual de vida dessas pessoas caracterizada nas suas escolhas, decisões e na organização

ISSN: 2358-8829

de sua comunidade. Nesse contexto, a afirmação de que a educação é um fenômeno amplo que engloba processos de natureza diversa, para além das escolas convencionais e, ainda, que a educação é um processo de socialização em que são geradas as disposições, os esquemas de percepção, pensamento e ação dos indivíduos. Quando nos referimos a um olhar da educação sobre o Quilombo do Portão do Gêlo (terreiro de Xambá), estamos buscando uma compreensão de educação presente na formação e desenvolvimento de seus membros, a partir do processo de pertencimento, participação e vivência coletiva, já constatado em diversos estudos relacionados ao terreiro de Xambá, a partir de uma perspectiva dos espaços não escolares tradicionais previstos nos planos normativos legais. Nesse espaço, existem diversas atividades relacionadas ao desenvolvimento humano, por exemplo: organizadas a partir de projetos ligados ao Ponto de Cultura implementado no Quilombo de Xambá (projetos de fortalecimento das culturas brasileiras, estabelecidos pelo Ministério da Cultura para entidades governamentais e não governamentais), na organização dos eventos festivos do quilombo, na mobilização do coletivo para reivindicar ações de cidadania, como também na mobilização de eventos de conscientização de suas origens e de sua memória através de seminários e oficinas realizadas no quilombo. Portanto, compreendemos que no terreiro de Xambá há uma prática educativa, desenvolvida a partir de iniciativas local, considerando-se eventos de formação e de informação focados na estratégia de fortalecimento da cultura e da sua memória. Não pretendemos, nesse momento estabelecer parâmetros ou segmentações específicas, mas amparados em estudos que identificam fatores convergentes para uma constatação da importância do processo de educação na construção do espaço Xambá.

Palavras-chave: Terreiro, Candomblé, Educação, Quilombo.

Referências Bibliográficas

ALVES, Marileide**. Nação Xambá**: do terreiro aos palcos. Olinda:, Ed. Do Autor, 2007.

AMARAL, Rita. **Xirê! O modo de crer e de viver no candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: EDUC, 2002.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**: contribuições a Uma Sociologia das Interpretações de Civilizações. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1960.

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos Orixás:** um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

ISSN: 2358-8829

BRANDÂO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

COSTA, Valéria Gomes. **Nos arralbades da cidade:** práticas de apropriação dos espaços no subúrbio do Recife pelo Terreiro Santa Bárbara – Nação Xambá. Recife: UFPE, 2006.

CUNHA JR, Henrique. **A História Africana e os Elementos Básicos Para o Seu Ensino**: In LIMA,Ivan Costa; ROMÂO,Geruse.. Negros e o Currículo. Florianópolis, 2005.

Freire, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Freitas, Isaurora Claúdia Martins de. **Escola e organização não governamental**: educação formal e não formal de jovens da periferia de Fortaleza. Caderno CRH, Salvador, v. 20, n. 49, p.77-94, 2007.

IPEA (2008). Boletim de políticas Sociais: acompanhamento e Análise, nº 13, edição especial. Brasília, 2008. Disponível em http:// www. ipea. gov. br.

LODY, Raul. **Candomblé :** Religião e resistência cultural. São Paulo: Editora Àtica, 1987.

MENEZES, Lia. **As Yalorixás do Recife**. Recife: Funcultura, 2005.

MOURA, Clóvis (Org). **Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil.** Maceió: EDUFAL, 2001.

SODRÉ, Muniz - **O terreiro e a Cidade** : A forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro : Imago Ed., 2002.

Quilombos das Américas : **articulação de comunidades afrorrurais** : documento síntese. Brasília : Ipea : SEPPIR, 2012.